

# NOVO OLHAR AO FEMININO – DA EXPLORAÇÃO DA NATUREZA À EXPLORAÇÃO DO CORPO

Sofia Elaine Cerni Baú\*

“Por suerte siempre están las palabras, me digo, cuyo cuerpo, como el mío, nunca puede ser realmente devastado. Mal interpretado sí, citado erróneamente, también, pero para la devastación no hay aquí un cuerpo que se ofrezca”.

Gabriela Liffschitz in: *Efectos Colaterales*.

Uma nova perspectiva na visão de mundo da atualidade chama a atenção para as produções artísticas feitas por mulheres. Não chamemos de arte feminista, mas procuremos uma denominação mais apropriada para essa nova expressão que cada vez mais toma espaço nas artes em geral e na literatura em particular.

Há, na atualidade, uma crescente tendência por fazer valer um olhar cada vez mais apurado da mulher e sem as restrições vindas pela diferença de gêneros. Num mundo dividido em opostos feminino e masculino e consequentemente dividido em poder que disso demanda, a produção literária e artística em geral fica inevitavelmente carregada de pontos de vista e olhares dominantes, que caracteristicamente são masculinos. Mesmo quando é uma autora feminina quem escreve, ainda assim sua escritura, muitas vezes, está repleta de visões que não correspondem à sua experiência e vivência pessoal enquanto ser-gênero-feminino.

Se essa manifestação dominante de expressão se apresenta mesmo em sua maneira de estar fisicamente no mundo: com seu vestuário cada vez mais tedencioso à apreciação sexual masculina, seu modo de agir contido, seus desejos e realizações pessoais no que se refere a família e filhos, e o mais grave de todos, a procura por transformar seu próprio corpo em busca de um ideal que não é o seu, mas do “outro” dominante; o que podemos encontrar nas artes que seja genuinamente expressão feminina?

Um exemplo de procura dessa nova expressão chega na literatura contemporânea como resultado de uma vivência particular de uma enfermidade que toma conta de um corpo, e esse corpo, por acaso, é um corpo feminino: Gabriela Liffschitz.

Em 2000 surge com a obra *Recursos Humanos*, e em 2003 com *Efectos colaterales*, lançando um olhar para além do feminino até então percebido, aceito ou até mesmo seguido.

Vítima de câncer de mama e de uma mastectomia, Gabriela Liffschitz, poetisa, fotógrafa e colunista do jornal argentino *El Clarín*, faz de sua experiência uma caminhada à compreensão do próprio corpo. Põe em evidência de maneira crua e viva, mas ainda suave, uma ferida social: a da manipulação do corpo feminino.

Fotografa a si mesma nessa nova condição estética e despe-se de todo conceito de beleza até então ditado pela perspectiva vigente. Chama a atenção para o fato de que nem a feminilidade e nem o erotismo são inerentes à anatomia, mas no uso do corpo, na cena deste corpo que sofre com o tempo e sofre com intervenções médicas, escolhidas, no caso de metamorfoses estéticas em busca do ideal ditado pelo “outro”, ou impostas, no caso de enfermidades. Põe em prática, com sua atitude, uma política do olhar. Desnuda-se sem sublimar o corpo e sem fazer de seu atrativo algo espiritual. Descobre-se a si mesma no mais profundo de seu ser enquanto ser feminino e sobretudo, descobre que é possível reinventar o corpo de uma nova maneira até então, supostamente anti-estética.

Num de seus auto-retratos em *Efectos Colaterales*, contemplamos um ser despido de conceitos pré-estabelecido de beleza, tatuado com duas serpentes, símbolo da medicina, completamente nu, como um ser que surge no mundo pela primeira vez – um nascimento de um novo corpo.

Forçosamente nos faz revisar os mitos de beleza feminina que dominam a sociedade ocidental. Num olhar para trás, entendemos com Nietzsche o surgimento da moral e a noção de belo e de bom na sociedade burguesa.

Observa Nietzsche em suas obras *Genealogia da Moral* e em *Além do bem e do mal*, que o burguês assumiu as associações de bom e positivo da ditada classe nobre como sendo seus e consequentemente o que era plebeu ou classe baixa, estava caracterizado como feio e negativo. O que podemos pressupor disso que é a classe dominante quem determina o que é bom e o que é belo para a sociedade.

A partir disso, verificamos que o corpo é o espaço onde esse domínio das classes dominantes se manifesta com maior poder de transformação. Se antes era o domínio da Natureza que se procurava com o avanço da Ciência desde o Iluminismo, agora esse domínio chega ao corpo humano como um dos

\*Doutora em Literatura pela Unesp-Araraquara. Pesquisadora na Unirioja-Espanha.

últimos estágios de manipulação do ser, que ainda segue conceitos mecanicistas da realidade através da obsessão masculina pela dominação e o controle.

Desde a antiguidade, os objetivos da Ciência tinham sido a sabedoria, a compreensão da ordem natural e da vida harmoniosa com ela. No século XVII esta atitude mudou radicalmente para converter-se em sua oposta. Desde Bacon (1561-1626) e seu método de ordenação da natureza e sua formulação teórica de uma Ciência empírica, a meta da Ciência tem sido o conhecimento que pode ser utilizado para dominar e controlar a natureza, e hoje em dia, tanto a Ciência como a tecnologia se utilizam com fins perigosos e antiecológicos. Desde o aparecimento da Ciência mecanicista, a exploração da natureza tem sido paralela com a da mulher, na medida em que associações entre feminino e natureza são ainda presentes e verificáveis no inconsciente coletivo.

Para ilustrar essa tendência, a pensadora Carolyn Merchand em *The Death of Nature*, considera que Bacon, personifica um vínculo muito marcante entre esses dois ramos do pensamento científico: o conceito mecanicista da realidade e a obsessão masculina pela dominação. Chama a atenção que o próprio Francis Bacon se utilizava de uma linguagem carregada de violência contra a natureza, tradicionalmente ligada a uma imagem de fêmea, com termos como “dominar e deter seus devaneios”, “obrigá-la a servir”, “escravizá-la e torturá-la para extrair dela seus segredos”. Obviamente se referia a natureza, mas claro está que o efeito de associação foi devastador.

Merchand analisa essa linguagem e relaciona com o fato de que Francis Bacon estava intimamente familiarizado com procedimentos de tortura a mulheres no início do século XVII, uma vez que atuava como Fiscal Geral da Inquisição. Utilizava, portanto, dessas metáforas das audiências contra bruxas e hereges, para seus escritos científicos, marcando nitidamente o vínculo poderoso entre ciência mecanicista e valores patriarcais.

E é justamente nessa base de conceituação que, no Ocidente, se construiu a noção de corpo como sendo um lugar de dominação e de controle. Objeto que deve ser domesticado e modelado de acordo com visões dominantes patriarcais.

Após a devastação da natureza que teve seu ponto culminante com o uso da bomba atômica, a Ciência passa agora a ocupar-se do corpo para exercício de seu poder. E uma vez que o poder continua sendo patriarcal, o corpo que se apresenta não poderia deixar de ser outro que não o corpo feminino.

Se na década de 60 a mulher alcançou um poder relativamente próprio de sua corporalidade, com a liberdade e poder de decisão sexual e intelectual, exibindo seu corpo como bem o desejava, não se pode negar que para isso, deviam seguir as normas estéticas ditadas ainda pela visão patriarcal vigente. Procurar uma estética que satisfaça os desejos masculinos, não é bem o que se pode chamar de liberdade e poder sobre o próprio corpo. Como exemplo disso

na atualidade, basta que se observe os meios de comunicação, principalmente a televisiva, as publicidades que fazem com que se pense que uma vida saudável significa uma vida de ginásticas e cirurgias plásticas contra o tempo e tudo o que isso pressupõe para a (de)formação de uma sociedade de novos valores, onde as mulheres possam ser agentes de sua própria expressividade e não veículo de uma expressividade predominantemente masculina.

Neste contexto, Gabriela Liffschitz, abre caminho a novos modelos dominantes, apresentando possibilidades de erotismo e feminilidade em seu próprio corpo devastado pela ciência. Abre os olhos para uma nova visão da corporalidade feminina, despida de estereótipos eróticos.

Reclama à mulher de hoje um novo corpo, modelado sim, exposto também, mas de uma nova maneira despida do olhar do “outro” e plena de sua genuína essência, que muitas vezes, ainda está por ser levada em conta e a sério.

### Referências bibliográficas:

LIFFISCHITZ, G. **Recursos humanos**. Argentina: Filo Libri, 2000.

\_\_\_\_\_. **Efectos colaterales**. Argentina: Norma, 2003.

NIETZSCHE, F. **Genealogia de la moral**. México: Porrúa, 1984.

\_\_\_\_\_. **Para allá del bien y del mal**. México: Porrúa, 1984.

MERCHAND, C. **The death of nature**. San Francisco: Harper and Row, 1983.

### Resumo:

O presente artigo pretende fazer algumas observações com respeito às novas formas de expressão feminina que vêm ocorrendo nas artes com consequências na vida social da atualidade. Para isso, uso como exemplo a obra texto-fotográfica de Gabriela Liffschitz, que lança uma nova maneira de se “olhar” e viver a corporalidade feminina. O artigo aproveita para também fazer uma aproximação explicativa entre a tradição científica com a atual “febre” de manipulação estética do corpo feminino.

### Palavras-chave:

Literatura Feminina; Fotografia; Novo Paradigma.